



“O CURRÍCULO DO FUNK E SUA INSERÇÃO NO COTIDIANO DE JOVENS MULHERES NATALENSES”

Thalita Cristina Barroca da Silva ¹
Vândiner Ribeiro ²

RESUMO

Esse trabalho discute o currículo do funk cantado por mulheres, e como tal currículo ensina modos de se comportar a jovens natalenses, participantes da pesquisa. Para tanto, foi feito um levantamento de dados em algumas escolas da cidade do Natal, com a intenção de obter uma visão mais ampla sobre as proximidades dessas jovens com o funk, e quais as cantoras de funk que têm maior preferência entre elas. Nas análises serão abordados conceitos como: gênero, interseccionalidade, agência e empoderamento. Por fim, será feito um apanhado geral dos resultados e análises da pesquisa, apresentando alguns ensinamentos do currículo do funk na vida das jovens natalenses, já que este texto resulta de análises preliminares de uma pesquisa de mestrado.

Palavras-chave: Gênero, Currículo, *funk*, Jovens mulheres.

INTRODUÇÃO

Este trabalho apresenta dados preliminares de uma pesquisa de mestrado em Educação, ainda em andamento. A centralidade da pesquisa é o currículo das músicas de funk, cantadas por mulheres e veiculadas no Youtube, tendo em vista a forma como os discursos que nele circulam, performam mulheres a posições generificadas. Esses discursos serão analisados a partir da perspectiva foucaultiana de análise. Para tanto estamos utilizando conceitos relacionados às teorias de gênero, aos estudos culturais e pós-estruturalistas e ao currículo pós-crítico.

Aqui discutiremos o currículo do funk, ouvido por jovens mulheres natalenses e cantado por funkeiras de todo o Brasil, e como esse currículo se relaciona a processos de empoderamento, ações de resistência expresso nas ações das cantoras. A partir de uma pesquisa qualitativa, que traz uma análise exploratória da área subjetiva de um fenômeno (VIANELLO, 2013), no qual utilizamos um questionário exploratório para levantamento de dados sobre o consumo do funk, cantado por mulheres, no meio das jovens natalenses, os questionários foram aplicados e respondidos por 88 jovens, da zona oeste de Natal, estudantes de 4 escolas públicas.

Numa breve reflexão vemos que o funk tem reverberado sobre a juventude de boa parte do Brasil e de alguma forma tem influenciado essas/es jovens, sobre alguns comportamentos. Desta forma o caráter de popularidade do funk no meio do público jovem, coloca as possíveis contribuições desta pesquisa num nível territorial e cultural amplo para a sociedade brasileira.

1Mestranda em educação da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, thatabarroca@hotmail.com;

2 Professor orientador: Doutora, Professora no Departamento de Práticas Educacionais e Currículo/DPEC, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, vandiner@gmail.com,





Optamos, por investigar apenas as cantoras, pois temos como argumento central que as mulheres ouvintes do funk cantado por mulheres aprendem, por meio deste, empoderamento e resistência, no que diz respeito aos modos de ser mulher. Portanto, o funk ensina essas/es jovens, constituindo uma juventude funkeira.

Por essa interação de ensino entre o funk e as/os jovens podemos, partindo de uma análise pós-crítica, considerar que há um currículo do funk, a partir do qual conteúdos diversos ensinam modos de viver, de se relacionar, de compreender o mundo. Tal perspectiva curricular considera que as problematizações contemporâneas envolvendo a subjetividade do sujeito e as relações de poder, como discute Silva (1999), viabilizam questionar a forma como o currículo pode e é constituído dentro e fora do ambiente escolar.

METODOLOGIA

Tendo em vista o currículo do funk cantado por mulheres e ouvido pelas jovens natalenses, participantes desta pesquisa, bem como os ensinamentos que a relação entre este produz, não apenas por meio dos discursos presentes nas músicas, mas também pelas representações que estes carregam por meio ações, danças, vestimentas etc. Buscamos construir caminhos metodológicos que colocassem foco nos modos de produção das jovens.

Como ferramenta metodológica, para o recorte da investigação aqui apresentado, utilizamos a pesquisa qualitativa, por seu caráter exploratório pela possibilidade de uso de pequenos grupos em sua aplicação e pela análise subjetiva que apresenta aos dados recolhidos (VIANELLO, 2013). No processo de levantamento dos dados foram utilizados questionários exploratórios com 7 questões, sendo 3 questões fechadas e 4 abertas³.

Os questionários foram aplicados em quatro escolas públicas da zona oeste do município de Natal, sendo estas: Escola Estadual Imperador Marinho, Escola Estadual Professora Maria Queiroz, Escola Estadual Professor Raimundo Soares, Escola Estadual Lauro de Castro. Tais instituições estão situadas, respectivamente, nos bairros: Bairro Nordeste, Felipe Camarão e Cidade da Esperança, todos considerados periféricos.⁴

Ao todo responderam ao questionário 88 meninas, estudantes das escolas supracitadas, que estão cursando entre o 8º ano do ensino fundamental e 2º série do ensino médio com idades entre 13 e 23 anos. Para este trabalho utilizaremos para análise, apenas a pergunta sobre as principais cantoras ouvidas pelas jovens. Reiteramos que aqui traremos apenas análises preliminares da

³ As questões abertas e fechadas se caracterizam a partir do entendimento e que “as primeiras não restringem a resposta do entrevistado; e as segundas fornecem certo número de opções codificadas” (MANZATO; SANTOS, 2019).

⁴ Entendemos periferia segundo seu emprego popular para áreas de vulnerabilidade social das cidades.



pesquisa de mestrado mencionada, lançando mão das informações do referido questionário, bem como discussões teóricas do campo de currículo e de gênero.

DESENVOLVIMENTO

Diante do proposto para o presente estudo, iremos trazer algumas discussões conceituais que contextualizarão e auxiliarão nas análises. Ao apresentar uma pesquisa que pretende abordar o entendimento de currículo pós-crítico na educação, e seus entrelaçamentos com as discussões de gênero, é importante situar as intencionalidades de tal investigação curricular.

Enxergando o currículo enquanto linguagem, produzida pelas relações de poder da sociedade em um determinado contexto histórico (SILVA, 1999) a/o pesquisadora/or pós-crítica/a diminui algumas das pretensões do que encontrar, observar e concluir em sua pesquisa curricular. Portanto, buscar os “desejos” expressos pela linguagem curricular analisada torna-se um ponto chave no processo de uma pesquisa que não se pretende conclusiva e unívoca. Em síntese, Corazza (2001, p. 17) diz que

Menos pretensiosamente, o/a pesquisador/a pós-crítico/a analisa as vicissitudes do desejo por um sujeito e os acidentes da linguagem de cada currículo: daquele “um currículo” específico, que escolheu para investigar.

Aqui, neste caso, o currículo do funk. Desse modo a investigação curricular pós-crítica busca lacunas expressas pela linguagem do currículo em questão. No caso do currículo do funk, mesmo com algumas pesquisas já realizadas sobre ele, há diversas lacunas em sua linguagem que podem ser observadas e discutidas, levando em consideração o período histórico, ainda relativamente curto, em que tal currículo esta inserido no cotidiano das brasileiras e brasileiros.

No entanto, a afinidade entre a perspectiva pós-crítica do currículo e os estudos de gênero não são uma novidade trazida pelo funk. Os estudos feministas introduziram as reflexões de gênero no campo educacional e curricular em meados do século XX, e, desde então, houve aproximação com tais temáticas (SILVA, 1999). Com as proposições do currículo pós-crítico sobre a produção do sujeito, as relações de poder e a linguagem, a afinidade construída entre o currículo e os estudos de gênero se estreitou ainda mais.

Os caminhos da linguagem, da construção dos sujeitos, estão inteiramente interpelados pelas relações de poder existentes na sociedade. Nos estudos de gênero em uma perspectiva feminista, as relações de poder marcam historicamente as teorizações deste campo e os anseios expressos em suas análises. Neste sentido,

A história do feminismo está marcada pela procura de ferramentas analíticas para compreender as distribuições diferenciadas de poder que situam as mulheres em posições desiguais e, com base no conhecimento, modificar essas posições. (PISCITELLI, 2008, p. 272).

Estes esforços feitos por algumas teóricas sobre gênero, em buscar compreender os efeitos das relações desiguais de poder na vida dos diferentes grupos de mulheres, se aproxima das relações expressas pelo currículo do funk, o qual contém fortes cargas de desigualdade em todo o seu contexto de origem e produção. Além, disso as letras das músicas de funk falam sobre essas desigualdades, falam de resistência e falam de mudança.

O currículo do funk, aqui investigado, como um movimento produzido na periferia e para a periferia (VIANA, 1997), trazem a intersecção entre as desigualdades de gênero e as desigualdades sociais vivenciadas pelos grupos moradores dessas áreas da cidade. Mesmo que, como todas as produções artísticas, tenham sofrido modificações para o ingresso no meio comercial (VIANA, 1997), o funk tem um caráter de resistência e em alguns casos de denúncia em muitas letras.

No documentário, “sou feia mais tô na moda”, há vários depoimentos de mulheres que moram em periferias cariocas e que falam de informações trazidas por funkeiras, como Tati Quebra-barraco, que mudaram sua forma de se relacionar, de se comportar e até nos seus cuidados pessoais e autoestima. Dessa forma, tais relações possibilitam perceber alguns conceitos em ação, nesses processos de produção do currículo do funk. Um bom exemplo desses conceitos é o empoderamento, que faz referência ao poder advindo da consciência pessoal e coletiva e do desejo de transformação de realidades desiguais (SARDENBERG, 2006). Tal conceito tem proximidade com o movimento feminista e é utilizado neste movimento social mesmo antes de teorizações profundas sobre ele.

As mulheres que passam por este processo sofrem influências externas. Mas, além disso, tem a tomada de consciência de forma pessoal, quando se muda modos de agir e a partir daí conseguem criar estratégias de resistência e de ação que expandem limites impossibilitados a elas anteriormente (SARDENBERG, 2006). Os atos de organização, de ação e resistência surgidos como consequência do empoderamento podem também estar associados ao conceito de agência.

A agência é compreendida por nós, como disposição a realização de ações e projetos, sejam elas totalmente ou parcialmente intencionais (ORTNER, 2007). Segundo as discussões sobre agência propostas por Ortner (2007) a presença do empoderamento faz parte do processo de agenciamento humano, não só entre as mulheres, já que

a agência, em sentido abstrato, parece ser uma propriedade de sujeitos (diferencialmente empoderados), porém isto é (uma vez mais) menos uma propriedade psicológica ou capacidade em relação a si mesmos, e mais uma disposição em relação à realização de “projetos” (ORTNER, 2007, p. 74).

Esses projetos podem se materializar, por exemplo, em letras de funk, que interpelam mulheres a assumir outras formas de vida. O processo de agenciamento não se liga só as questões de gênero, pode estar ligado a qualquer processo de ação individual ou coletiva sobre um grupo.

Desta feita, os ensinamentos do currículo do funk podem estar vinculados a processos de agenciamento em diversas instâncias sociais.

DISCUSSÃO E RESULTADOS

Os dados obtidos a partir dos questionários aplicados nas escolas, nos mostram inicialmente como os currículos, se apresentam em diversos contextos e a importância que cada um destes currículos representa para esses/as jovens estudantes.

Além das letras de músicas, a forma de vestir que expressa sensualidade e delimita as curvas do corpo também são utilizadas por cantoras de funk e exercem influência nas ouvintes.. É com a intenção de entender melhor quem são essas cantoras que exercem influência atualmente sobre as jovens natalenses, que lançamos mão de uma última pergunta para análise. “Quais as principais FUNKEIRAS que você escuta? (Cite 5 cantoras que se identificam como mulheres, que cantam funk)”.

A resposta a essa questão era discursiva, por isso houve combinações muito diversas, as quais não iremos abordar neste texto. Sobre as 5 cantoras mais citadas nas respostas das adolescentes foram: Mc Mirella, citada por 56 meninas; Ludmilla, lembrada por 42 alunas; Anitta, teve 36 alunas citando-a em suas preferências; Mc Pocahontas e Taina Costa que tiveram igualmente a lembrança de 25 adolescentes..

Como amostra desta pesquisa, ainda em andamento, traremos aqui, análises sobre as duas cantoras mais lembradas pelas estudantes durante a pesquisa: Mc Mirella e Ludmilla. Em suas músicas, trajetórias e outras ações podemos observar a operacionalização dos conceitos de agência, empoderamento e interseccionalidade

O domínio da mulher sobre seu próprio corpo e suas ações é reiterado no currículo do funk, como expressa Mc Mirella: “Vou tacar” e propomos o seguinte trecho para análise: *Dá espaço pra eu passar/ Pra eu começar a rebolar/ Mas tu só pode olhar/ Sem querer vim me abusar/ Porque, porque o corpo é meu/ Quem manda nele sou eu*”.

Podemos considerar um empoderamento expresso nesse trecho tendo em vista que “o objetivo maior do empoderamento das mulheres é questionar, desestabilizar” (SARDENBERG, 2006, p.2), ao falar sobre os seu desejo de rebolar sem ser atrapalhada ou “abusada” a cantora desestabiliza e traz reflexões sobre a liberdade da mulher em expressar sua forma de dançar e agir livremente.

Além disso, a Mc Mirella fala abertamente em suas redes sociais sobre sua defesa pessoal aos direitos das mulheres e da liberdade sexual. Em postagem, de 20 de março de 2019, no instagram, ela posta em sua legenda: “Um nojo de mulher! Independente, trabalhadora, ativista

feminista, guerreira, sonhadora e muito forte. Disposta a tudo pra mostrar pra todas vocês que vocês PODEM ser a melhor versão de si mesmas. SE ACHE. Solte-se dessas correntes e voe! Você é livre!”. Nessa postagem ela apresenta a importância do incentivo à liberdade das mulheres e seu empoderamento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente resumo buscou evidenciar os ensinamentos do currículo do funk sobre empoderamento, resistência e agenciamento das jovens que ouvem o funk. Mesmo que brevemente, falamos sobre o que está inscrito no currículo do funk, e quais as preferências das jovens natalenses dentro desse currículo.

Tendo em vista, que como apresentado nas análises, mesmo que preliminares, o funk traz enunciações mostram o processo de empoderamento, resistência e agência das mulheres. Contudo, o currículo do funk, como constatado na pesquisa apresentada é bastante presente na realidade de muitas jovens. Portanto, conforme o tempo passa, o número de pessoas formadas com ensinamentos deste currículo aumenta na sociedade brasileira. Diante do exposto, esta pesquisa ainda, inicial, já vê o currículo do *funk* como um artefato cultural poderoso na produção de “mulheres empoderadas”

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPOS, Camila Amorim, **Currículo com música: normaliza ou faz dançar?** Dissertação (Mestrado), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

MEDEIROS, Janaína. **Funk carioca: crime ou cultura? O som dá medo. E prazer.** São Paulo: Terceiro Nome, 2006.

ORTNER, Sherry. **Poder e Projetos: reflexões sobre a agência.** In: GROSSI, Miriam Pillar; ECKERT, Cornelia; FRY, Peter Henry. (Org.). Conferências e diálogos: saberes e práticas antropológicas. Brasília: ABA; Blumenau: Nova Letra, 2007 p. 45-80.

SARDENBERG, Cecília M.B. **Conceituando “Empoderamento” na Perspectiva Feminista.** Seminário Internacional: Trilhas do Empoderamento de Mulheres – Projeto TEMPO’ promovido pelo NEIM/UFBA, Salvador, Bahia, de 5-10 de junho de 2006.

SILVA, Tomás Tadeu da. **Documentos de identidade:** Uma introdução as teorias do currículo. Belo Horizonte: Autêntica, 1999. 156 p.

SPIVAK, Gayatri. **Quem reivindica a alteridade?.** IN: HOLLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). Tendências e Impasses: o feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro, Editora Rocco, 1994.

VIANELLO, Luciana Peixoto. **Metodologia científica.** Centro universitário UNA, 2013.

VIANNA, Hermano. **O mundo funk carioca.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

YOUTUBE, Documentário **"Sou feia mas tô na moda"**. Disponível em: <https://youtu.be/7TEGmeETANE> Acesso em: 30/05/2019)